

O EXERCÍCIO PARAFRÁSATICO NA IMBRICAÇÃO MATERIAL

LAGAZZI, Suzy (UNICAMP)
(slagazzi@gmail.com)

Meu empenho na compreensão de funcionamentos discursivos em materiais constituídos pela imbricação de diferentes suportes significantes tem focado a composição das formulações no jogo da incompletude e da contradição que estruturam as diferentes formas de linguagem. Quatro pontos são aqui importantes para mim: a ‘imbricação material’, a ‘composição’, a ‘incompletude’ e a ‘contradição’.

A incompletude e a contradição, pilares conceituais de todas as análises discursivas de perspectiva materialista, nos permitem analisar os percursos de interpretação produzidos em diferentes posições-sujeito, levando às conseqüências o exercício parafrástico sobre diferentes materialidades significantes na sua imbricação. O procedimento parafrástico materializa o que Michel Pêcheux propôs como a tensão entre descrever e interpretar. Justamente porque a linguagem é estruturalmente falha, constitutivamente incompleta, e capaz de (re)associações, as reformulações são derivas possíveis frente às condições de produção. Sempre é possível dizer de outro modo, traçar de outro modo, cantar de outro modo, focar de outro modo... E não é jamais possível estabelecer um limite para as reformulações. Portanto, um de nossos desafios, a meu ver, está em expandir o exercício parafrástico para composições com diferentes suportes significantes, sendo que uma das questões envolvidas nesse desafio é dar visibilidade à própria imbricação naquilo que a especifica materialmente, naquilo que a torna uma composição.

Retorno a algumas questões sobre as quais venho me apoiando no decorrer de minhas análises, no que diz respeito a pensar a ‘composição’. Um primeiro ponto foi afirmar que quando falo de imbricação material não se trata de complementaridade, que não se trata de termos materialidades significantes que se complementam, mas sim materialidades significantes em composição, que se entrelaçam na contradição, “cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra”. Esta formulação me parece conseqüente e imprime movimento à imbricação. Imbricar pode ser compreendido, então, como compor no movimento da incompletude e da contradição. Uma materialidade significativa remete a outra e a falha que as estrutura demanda rearranjos, assim como a não-saturação que constitui a interpretação permite que novos sentidos sejam reclamados. Nesse movimento da incompletude e da contradição, considerar as especificidades de cada materialidade fica como outro desafio a ser enfrentado.

Meu percurso com documentários e filmes tem me permitido ampliar a compreensão da imbricação material.

A análise de *Boca de Lixo*, documentário de Eduardo Coutinho, foi meu primeiro gesto na direção de compreender a importância do investimento analítico na imbricação de diferentes materialidades, e também o primeiro momento em que o exercício da paráfrase me mostrou sua força analítica para além do verbal. Ao levar o exercício da paráfrase para a imagem pude compreender o funcionamento da polissemia sobre a materialidade significativa do corpo em *Boca de Lixo*. Primeiro a dualidade entre os catadores em meio ao lixo e os catadores em suas casas, a dualidade entre corpos sujos e os mesmos corpos limpos. No jogo das diferentes tomadas de câmera, catadores em primeiro plano e catadores à distância confundindo-se com o lixo. A câmera, focando os corpos à distância, tornando tênue o limite entre figura e fundo, corpos e lixo. Nessas tomadas à distância, a contradição irrompe nos efeitos ao mesmo tempo de reconhecimento e indistinção dos corpos no entorno do lixo. Quanto mais aberto o plano, maior a indistinção entre o corpo e o lixo. No limite, temos um corpo que se perde em meio ao lixo no movimento da câmera. Esse jogo entre o corpo e seu entorno foi decisivo para a compreensão do funcionamento discursivo que significa o catador no documentário. O que é ser um catador de lixo em nossa sociedade? Esta pergunta ressoava para mim. Somente ao projetar o corpo fletido sobre outros fundos - um chão sujo, um chão limpo, uma terra arada - pude observar a dissonância da composição dessa imagem do corpo em meio ao lixo. E somente ao remeter essa composição visual à justificativa tão reiterada pelos catadores, de que “*nós não estamos roubando nem matando, nós estamos trabalhando*”, pude compreender que a imagem do corpo fletido em meio ao lixo era o ponto de inflexão visual do funcionamento discursivo que eu buscava compreender sobre o catador. Esse ponto de inflexão visual, na imbricação material com a justificativa verbal acima referida, me permitiu chegar ao processo discursivo estruturante de *Boca de Lixo*. O exercício parafrástico me deu a dimensão dos sentidos possíveis de ‘trabalho’ na relação entre o corpo e o lixo, num jogo de contraposições: o corpo fletido em direção a um chão sujo produz o mesmo sentido do corpo fletido do catador no lixo? E um corpo fletido em meio a uma terra arada? Perguntas que se contrapõem a partir de diferentes composições visuais. Em *Boca de Lixo* o corpo do catador é suporte material ao mesmo tempo do sentido de ‘trabalhador’ e de ‘não-trabalhador’. Uma posição-sujeito que materializa a contradição do que é e não é trabalho em nossa organização social. A remissão da imagem do catador fletido

em meio ao lixo à justificativa verbal que opõe trabalho a roubo e homicídio compõe um conjunto que materializa o funcionamento da contradição em *Boca de Lixo*. Palavras e imagens numa composição extremamente conseqüente. Com *Boca de Lixo* compreendi que não seria possível analisar a posição-sujeito catador fora da imbricação do verbal e do visual. Foi no jogo necessário das formulações ‘lixo’, ‘trabalho’ e ‘corpo’ em confronto com a imagem do corpo fletido em meio ao lixo, que a relação desse corpo em movimento se ancorou no social e se historicizou pra mim: uma memória de trabalho convocada pelo corpo fletido e ao mesmo tempo a negação em nossa sociedade do reconhecimento desse trabalho que acontece em meio ao lixo. O catador, uma posição-sujeito que se constitui na contradição da formação social capitalista, formulada na contradição verbo-visual que compõe *Boca de Lixo*.

Tereza, Tropa de Elite, Linha de Passe, Território Vermelho. Cada um desses percursos analíticos me traz subsídios, pelo investimento parafrástico que materializa o batimento entre descrição e interpretação, para continuar no desafio de dar visibilidade ao movimento da composição na imbricação das diferentes materialidades significantes, considerando as especificidades de cada materialidade. Um desafio forte, num trajeto que busca ser conseqüente com o dispositivo teórico-analítico discursivo materialista.